

Atendimento Pré-Hospitalar: muito além de um simples transporte

Ricardo Galessio Cardoso^{1*}.

¹ Hospital Isrealita Albert Einstein, São Paulo, SP, Brasil.

* Autor correspondente. Endereço de e-mail: ricardo.cardoso@einstein.br

Usarei esse espaço para abordar um tema que por muitos é menosprezado, mas que para alguns, como eu, significa a dedicação de toda uma vida profissional: o Atendimento Pré-Hospitalar.

Iniciarei essa reflexão reproduzindo algumas citações e textos, a maioria já conhecidos por quem trabalha com Emergência:

“O destino dos feridos está nas mãos de quem aplica o primeiro curativo” - Nicholas Senn, MD (1844-1908), cirurgião militar norte americano.

“Medicina de Emergência são os quinze minutos mais interessantes de todas as outras especialidades” – Dan Sandberg, MD, BEEM Conference, 2014

“Qualquer um, qualquer coisa, a qualquer hora” - Tradução livre do slogan do *American College of Emergency Physicians*.

“... Atendimento que procura chegar precocemente à vítima, após ter ocorrido um agravo à sua saúde (de natureza clínica, cirúrgica, traumática, inclusive as psiquiátricas), que possa levar a sofrimento, sequelas ou mesmo à morte...” – Trecho extraído da definição de Atendimento Pré-Hospitalar móvel da Portaria do Ministério da Saúde GM/MS n.º 2048, de 5 de novembro de 2002.

Interessante notar que, apesar de terem tido origem em diferentes contextos e diferentes momentos históricos, essas sentenças têm em comum dois pontos fundamentais: a importância da presteza e a pluralidade inerentes aos atendimentos de emergência. Além disso, temos também nesses textos tentativas, oficiais ou não, de definir Medicina de Emergência e Atendimento Pré-Hospitalar. E é aí que chego ao ponto principal de nossa reflexão: as definições de ambos se confundem e se interseccionam. O Atendimento Pré-Hospitalar é Medicina de Emergência.

E qual a importância disso? Respondo essa pergunta com outro questionamento: quantos profissionais sem

formação específica nenhuma vemos atuando em serviços de pré-hospitalar, sejam públicos ou privados? Tenho certeza de que você, leitor, conseguirá lembrar facilmente de alguns exemplos. Sem dúvida a segurança e qualidade oferecidas aos pacientes nesses atendimentos têm grande chance de estar longe do ideal...

Chegamos então a um ponto crucial: como formar o médico que vai trabalhar no APH? Não existe, atualmente, regulamentação que exija que o médico que atua no pré-hospitalar seja especialista em Medicina de Emergência ou em qualquer outra especialidade. Muitos serviços têm programas internos de capacitação de suas equipes, e os aplicam de maneira competente e exemplar. No entanto, uma formação mais completa e abrangente se consegue a partir de um programa de residência médica, e nesse aspecto temos a matriz de competências do programa de residência em Medicina de Emergência como a única que prevê em seus objetivos a capacitação dos médicos para a atuação em serviços de atendimento pré-hospitalar.

Isso é motivo de grande orgulho para os emergencistas, que têm assim a oportunidade de atuar com excelência em um nicho de trabalho com enorme potencial de crescimento. Além da atuação na rotina operacional, o emergencista ainda tem a oportunidade de desenvolver atividades nos campos de ensino, pesquisa e gestão em APH. É um universo a ser explorado, ávido por exploradores competentes.